



Colecionador, pesquisador e cineasta, Glênio Póvoas é considerado o maior especialista na produção cinematográfica do Estado

Reportagem Cultural

O guardião do cinema gaúcho

Daniel Rodrigues, especial para o JC

Aparentemente, é apenas mais um dia quente e ensolarado de verão em Porto Alegre. No robusto edifício dos anos 1960 em estilo neoclássico na Rua dos Andradas, de frente para a Casa de Cultura Mário Quintana e a Cinemateca Paulo Amorim, a sensação térmica de mais de 35 graus da rua, entretanto, não impede que o dia seja de trabalho. Aliás, sempre o é. E trabalho em prol do cinema.

Os cômodos do apartamento de 98 metros quadrados, 13º e último andar, são tomados de livros, filmes, discos, catálogos, cadernos, pôsteres, apostilas, souvenirs, quadros e todo um manancial de conteúdos que não se encontram facilmente em qualquer lugar - quanto menos juntos. Não há por onde se circule na casa que não se encontre algum material de cultura. Percorrendo rapidamente as prateleiras, mesas e paredes veem-se algumas referências, de Elizeth

Cardoso a Ismail Xavier, de Pina Bausch a Jorge Benjor.

Um manancial de informações e preferências que traduzem a diversidade dessa personalidade sensível, leal e criteriosa que dá suporte para a obstinada lida voltada, principalmente, ao cinema. O rico acervo, apelidado pelos amigos ironicamente de Cinemateca Glênio Póvoas, pertence ao colecionador que lhe dá o carinhoso e anedótico nome.

Jornalista, professor, cineasta, roteirista, pesquisador. Glênio Nicola Póvoas, Mestre em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da USP e Doutor em Comunicação Social pela Pucrs, é uma referência para gerações de profissionais do cinema e da comunicação há mais de três décadas, seja como alunos, colegas ou objetos de suas infindáveis pesquisas. “Glênio sempre me surpreende com suas pesquisas. São 30 anos de trocas, críticas e muitas risadas”, conta Nora

Goulart, amiga e produtora de cinema. A admiração é evidente perante seus pares, como manifesta o cineasta Jorge Furtado: “Glênio é um valioso e raro historiador do Brasil através do cinema”.

A figura deste rio-grandino de 63 anos, embora múltipla no contexto do cinema gaúcho, é, no entanto, fortemente associada ao acervo e à preservação da memória desta arte produzida no Rio Grande do Sul. Não à toa. Há seis anos, Glênio iniciou, junto ao Núcleo de Pesquisa, Informação e Memória do Instituto Estadual de Cinema (Iecine) e à Cinemateca Paulo Amorim, as pesquisas para o Portal do Cinema Gaúcho, um inédito e nababesco banco de dados online da produção audiovisual gaúcha desde o seu primórdio, no início do século XX, em 1904, menos de 10 anos após a invenção pelos irmãos Lumière, na França. O portal, lançado em 2023, já computou mais de 800 longas-metragens produzidos no Esta-

do. E essa busca, em constante atualização, prossegue diariamente, faça chuva ou faça sol. “Adoro fazer isso. Eu sou o ‘homem-arquivo’”, autointitula-se.

A riqueza de detalhes contida no Portal do Cinema Gaúcho denota que não haveria de ser outra pessoa a organizá-lo. Só mesmo o minucioso Glênio para estar à frente desse projeto. Cada título é abastecido com sinopses, verbetes, fichas técnicas, imagens e datas de exibição. “O nível de detalhamento das informações de cada título no Portal chega a ser, em alguns momentos, assustador”, comenta o cineasta e músico Carlos Gerbase, amigo e ex-colega. Jornalista, professora e amiga de longa data de Glênio, Fatimarlei Lunardelli acrescenta: “Ele une o gosto pelo cinema com uma enorme e rigorosa atenção aos detalhes”.

O portal rendeu também uma importante publicação: o *Dicionário de Filmes Gaúchos - Longa-metragem 1911-2022*, organizado por Glênio e edita-

do pelo Iecine dentro do projeto Primavera Gaúcha da Sedac. Celebrado no meio do cinema, a obra compila, pela primeira vez em livro, 421 títulos extraídos do conteúdo do site.

Há muito ainda o que fazer, contudo. O plano é incorporar ao catálogo médias, curtas, séries e programas de TV. Estima-se que, somente de curtas-metragens gaúchos, o volume chegue a mais de 3 mil filmes. Atualmente, está em andamento a catalogação de aproximadamente 500 médias-metragens (filmes entre 30 e 60 minutos). Nada que assuste alguém que chamou para si a responsabilidade de preservar a memória do cinema feito em sua terra. “Sei que o trabalho que eu faço é importante e que eu precisava preencher uma lacuna na história do cinema gaúcho, que estava toda dispersa”, declara Glênio. “É uma missão que eu tenho.”

Leia mais na página central